

## Discursos Sobre a Vale S.A. em “O Progresso”<sup>1</sup>

Larissa Pereira Santos<sup>2</sup>  
Netília Silva dos Anjos Seixas<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

### Resumo

O presente artigo tem o objetivo de analisar os discursos produzidos em “O Progresso” sobre a Vale S.A. durante eventos selecionados na história da mineradora. O periódico é o principal jornal impresso do município de Imperatriz, no estado do Maranhão, e foi escolhido por fazer parte de um contexto no qual a mineradora Vale S.A. é atuante por meio do Programa Grande Carajás. Utilizou-se pesquisa bibliográfica, a fim de fazer uma contextualização sobre a Vale e sobre mineração; as contribuições de Verón (2004) com análise da enunciação e do discurso, para o fundamento metodológico; e pesquisa documental nos acervos impressos do jornal “O Progresso”. Constatou-se que os discursos produzidos em “O Progresso” evidenciam um posicionamento favorável às ações da mineradora. As vozes representadas nos discursos são de fontes oficiais e sem pluralidade.

**Palavras-chave:** Discursos; Vale S.A.; Mineração; Jornal O Progresso.

### Introdução

Parte-se do pressuposto que o jornalismo é operador de sentidos por meio dos discursos. É nesse sentido que se busca refletir a partir da análise dos discursos produzidos pelo jornal “O Progresso” sobre a mineradora Vale S.A.

“O Progresso” é o mais antigo jornal impresso em circulação da cidade de Imperatriz, no estado do Maranhão. Fundado na década de 1970, acompanhou o período histórico no qual a mineradora Vale S.A. está inserida no Maranhão e na região Norte e Nordeste do Brasil, por meio do Programa Grande Carajás.

Segundo Adalberto Franklin (2014), “O Progresso” foi pensado com o *slogan* “Expressão Regional”, no intuito de chegar à região tocantina. Hoje o periódico é distribuído pelo sul e sudoeste maranhense, na capital São Luís e no estado do Tocantins. Segundo o autor, o periódico é considerado um dos primeiros jornais do estado a informatizar o sistema de impressão e se tornou o terceiro principal jornal do Maranhão na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: larissasantos.jornalista@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do Trabalho. Professora Dr<sup>a</sup>. da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, coordenadora do projeto de pesquisa A Trajetória da Imprensa no Pará: do impresso à internet, ao qual este artigo se integra.

atualidade. Essas características contornam o periódico como um importante objeto de análise para este estudo.

O artigo é pensado a partir de uma contextualização sobre a empresa Vale S.A., para em seguida apresentar os conceitos de “enunciado” e “enunciação” com base em Verón (2004), o principal aporte teórico-metodológico desta pesquisa, com o objetivo de verificar a construção dos discursos sobre a Vale S.A. no jornal.

A análise dos discursos produzidos em “O Progresso” é realizada a partir do levantamento de cinco eventos considerados importantes na história da mineração brasileira e, especificamente, na história da mineradora Vale S.A. Os eventos são: “Privatização da Companhia Vale do Rio Doce”; “Mudança de nome da Companhia Vale do Rio Doce”; “I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale”; “Vale é eleita a pior empresa do mundo”; “Seminário Internacional Carajás 30 anos”.

Os discursos sobre a mineradora Vale S.A. foram considerados por ser essa uma das maiores mineradoras do mundo, por estar presente de forma marcante no território de distribuição do jornal “O Progresso” e por ter em sua história eventos que são discutidos na imprensa brasileira e internacional.

### **Sobre a Vale S.A.**

Perpassando pela história de fundação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), fruto de uma negociação perniciososa no início da década de 1940 entre governo brasileiro e estadunidense, conhecido como os Acordos de Washington, além dos detalhes da sanha dos militares em vender a soberania do povo brasileiro até chegar a era da privatização e da lei Kandir, a herança neoliberal de Fernando Henrique Cardoso” (COELHO, 2015, p. 17).

Coelho (2015) faz uma importante contextualização sobre a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Ele aponta que a empresa foi fundada em 1943 com uma história ligada ao mercado internacional. A empresa mineradora é apresentada como resultado de acordos que garantiram a venda de minério de ferro, extraído de territórios brasileiros, para países como Inglaterra e Estados Unidos.

De acordo com o autor (2015), o governo brasileiro exportou minério de ferro para consumo de aço durante a Segunda Guerra Mundial, mas logo com o fim do conflito iniciou uma crise e a queda nas vendas. A primeira crise fez a CVRD expandir suas exportações e vender matéria prima para outros países, o que perpassou pela década de 1950. Já em 1960,

exportando para Alemanha e Japão e com avanços tecnológicos a Companhia garante destaque no cenário de exportações de minério de ferro. “É nessa década também que iniciaram pesquisas para exploração de minério no norte do país. Na década de 1970 a empresa se tornou a principal exportadora do Brasil” (COELHO, 2015, p. 46).

Na contextualização feita por Coelho (2015) a década de 1980 é caracterizada pelo forte investimento em mineração na região norte, onde é implantado o Programa Grande Carajás (PGC). Dentre os projetos apoiados pelo Governo Federal na época, o PGC era o principal pela qualidade do minério de ferro encontrado na Serra de Carajás-PA. A prioridade da Companhia passou a ser a extração de minério de ferro no estado do Pará. Para o governo os investimentos em Carajás eram importantes porque poderiam resolver o problema da dívida externa enfrentada pelo Brasil.

Para Coelho (2015), durante a década de 1980 os investimentos em infraestrutura e exportações, principalmente para o Japão, caracterizaram o momento. Mas o ano de 1987 foi fechado com dívidas e prejuízos. Essa década e a década seguinte também foram marcadas pela automação da produção e terceirização do trabalho, o que ocasionou demissões. Em sete de maio de 1997 a privatização da empresa foi o marco na história da mineradora.

Vendida de uma forma que até os dias atuais é contestada, a Companhia Vale do Rio Doce passou a ser uma empresa privada do Consórcio Brasil, composto por CSN (31%), Litel Participações (25%), Elétron S.A. (21%), Sweet River In-vestments (11%) e BNDES Par (11%), compondo o Valepar S.A. (ZAGALLO, 2011, p. 7).

O leilão de venda realizado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro foi um dos assuntos mais comentados na época. Manifestações contra a privatização da empresa ocorriam por um lado e negociações por outro. “O leilão garantiu a venda da mineradora pelo preço de R\$ 3,338 bilhões” (ZAGALLO, 2011, p. 7). O valor, considerado pequeno, não era suficiente para sanar as dívidas do governo, e essa se tornou uma das principais críticas à privatização, já que o interesse pela venda da empresa estava na redução da dívida pública do país. A privatização é contestada na justiça ainda hoje.

Coelho (2015) afirma que após a privatização, os lucros da empresa aumentaram, sendo divididos entre os acionistas. Em 2006 a Companhia Vale do Rio Doce tornou-se a segunda maior mineradora do mundo.

Certamente os lucros aumentaram após a privatização. Em 2000 o lucro líquido da empresa foi de US\$ 1,086 bilhão, e em 2001, de US\$ 1,287 bilhão. Uma das causas do aumento dos lucros após 1997 é a liquidação da dívida decorrente da instalação de Carajás. Os lucros da Vale pós-privatização também cresceram por meio da diminuição da participação do fator trabalho (demissões em massa) na produção e do arrocho salarial. Outro fator decisivo neste crescimento na receita foi o *boom das commodities* (COELHO, 2015, p. 48).

Em 2007, após uma campanha nos meios de comunicação a Companhia Vale do Rio Doce muda o seu nome para Vale S.A. e divulga a imagem de uma empresa genuinamente brasileira. A Vale S.A. é hoje a empresa líder na produção de minério de ferro e é a maior exportadora dessa matéria-prima no Brasil. “De cada 10 dólares depositados no Banco Central, um dólar resulta de vendas da empresa, principalmente minério de ferro” (PINTO, 2013, p.58).

Tornou-se uma empresa transnacional, presente em 38 países dos cinco continentes. Entretanto, nos anos 2000 a história da empresa foi marcada pelo aumento de manifestações contrárias às ações de exploração que causam impactos negativos na sociedade. Nesse contexto surgem movimentos como Rede Justiça nos Trilhos e Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale, movimentos que atuam especificamente contra a violação de direitos humanos no âmbito da indústria extrativa, sobretudo da mineradora Vale S.A. Em 2010 esses movimentos divulgaram o “Dossiê Impactos e Violações da Vale no Mundo” e desde 2012 publicam o “Relatório de Insustentabilidade da Vale”, uma contrainformação ao que a mineradora divulga anualmente no relatório de sustentabilidade. Os movimentos também foram importantes para que a Vale S.A. recebesse, em 2012, o prêmio de pior empresa do mundo, baseado em práticas que afetam o meio ambiente.

De acordo com a Articulação Internacional dos Atingidos pela Vale, uma característica marcante desse outro lado da história da mineração é o Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale, que acontece a cada dois anos e reúne pessoas que se consideram atingidas negativamente pela empresa. Em 2014 também ocorreu, na capital do estado do Maranhão, o Seminário Internacional Carajás 30 anos, que fez uma crítica às três décadas de mineração praticadas no âmbito do Programa Grande Carajás. O evento reuniu pessoas de 11 países do mundo e discutiu sobre os impactos da Vale S. A. em cada um desses territórios.

São esses os eventos que fazem parte da história da mineração brasileira e da história da Vale S.A. que esta pesquisa toma como ponto de partida para uma análise sobre

os discursos jornalísticos. São eventos relevantes, sem descartar a importância de outros que também compõem essa história, mas não são analisados aqui.

### **Enunciação/ Enunciado**

O presente artigo faz uma análise qualitativa dos discursos produzidos pelo jornal “O Progresso” sobre a mineradora Vale S.A. Para tanto foram elencados cinco eventos na história da mineradora para no propósito de analisar como eles são produzidos em “O Progresso”. Os eventos marcam um percurso histórico e estão relacionados aos contextos que se relacionam especificamente à Vale S.A. e outros que envolvem as ações de movimentos e grupos atingidos pela empresa.

A análise do discurso baseada em Eliseo Verón (2004) é utilizada no intuito de entender o jornal como sujeito de enunciação, para além da sua função de informar. Busca se responder: De que modo se fala e porque se fala sobre a Vale S.A. em “O Progresso”? De que modo os atores envolvidos são representados? Quais os possíveis efeitos de sentidos dos textos sobre a Vale S.A. no periódico?

Segundo Verón (2004) os discursos delineiam variados campos de efeitos de sentido, seja por meio do texto ou do texto e imagem. Ou seja, os discursos não produzem efeitos únicos e separados, além disso, não se trata de um efeito qualquer. Por isso, é importante compreender os enunciados produzidos, os seus sentidos e os contextos da enunciação. “Em discurso, qualquer que seja sua natureza, as modalidades do dizer constroem, dão forma, ao que chamaremos de dispositivos de enunciação” (VERÓN, 2004, p. 217).

Os jornais como sujeitos de enunciação produzem enunciados que são resultados de fatores sociais, culturais e históricos, utilizando a língua e formatando a notícia. Verón (2004) diz que em primeiro lugar precisamos entender que não é só a matéria linguística que faz parte dos discursos, mas se trata de um conjunto de significantes. Em segundo lugar, ele aponta para a pluralidade do termo, entende-se que não estamos estudando “O Discurso”, mas variados tipos de discursos, que são produzidos para circular e gerar efeitos na sociedade. Em terceiro lugar, o autor esclarece que discurso e texto são diferentes.

Texto é uma expressão equivalente a conjunto de significante: designa-se um “pacote” de matérias significantes (linguísticas ou outras), independentemente do modo de abordar sua análise. Análise discursiva já implica um certo número de postulados, que fazem com que o texto não seja abordado de uma maneira qualquer (VERÓN, 2004, p. 61).

Outra importante diferenciação que Verón (2004) faz é entre os termos enunciado e enunciação. Os dois estão conectados, segundo ele, mas apresentam diferenças. O enunciado é o que é dito, está mais próximo do conteúdo. A enunciação diz respeito não ao que é dito, mas às formas como são ditas, são os modos de dizer. Assim, no jornalismo impresso, por exemplo, podemos encontrar diversos enunciados produzidos conforme determinados processos e determinadas condições que dão efeitos de sentidos.

Os enunciados sempre remetem a um contexto. Nesse sentido, Dominique Maingueneau (2008) dialoga com Verón ao dizer que “a maioria dos enunciados possui marcas que os ancoram diretamente na situação de enunciação: “esta sala” “aqui” ou “ontem”, a desinência de tempo dos verbos, “eu” ou “você” são interpretáveis somente quando se sabe a quem, onde e quando o enunciado foi dito” (MAINGUENEAU, 2008, p. 25). Maingueneau explica que até os enunciados que não apresentam esses tipos de marcas nos possibilitam ligá-los a um contexto, nos remetem a um contexto.

Segundo Fausto Neto (1991), quando o jornalismo narra os fatos, não é apenas uma descrição mecânica feita pelo jornalista. Existe uma relação com um contexto e a notícia vai ser o resultado desse processo.

### **A relação com os critérios de noticiabilidade**

Podemos dizer que o processo de produção de enunciados está relacionado ao que chamamos de critérios de noticiabilidade, no jornalismo. Para Nelson Traquina (2008), os valores-notícia começaram a ser estudados por Galtung e Ruge, que tentaram responder como os acontecimentos se tornam notícia por meio de doze valores-notícia:

1) a frequência, ou seja, a duração do acontecimento; 2) a amplitude do evento; 3) a clareza ou falta de ambiguidade; 4) a significância; 5) a consonância, isto é, a facilidade de inserir o “novo” numa “velha” ideia que corresponda ao que se espera que aconteça; 6) o inesperado; 7) a continuidade; 8) a composição, isto é a necessidade de manter um equilíbrio nas notícias com uma diversidade de assuntos abordados; 9) a referência a nações de elite; 10) a referência a pessoa de elite, isto é, o valor-notícia da proeminência do ator do conhecimento; 11) a personalização, a referência às pessoas envolvidas; e 12) a negatividade, ou seja, a máxima “bad news is good news” (GALTUNG; RUGE, 1993 *apud* TRAQUINA, 2008, p.69-70).

Os valores-notícia são critérios usados pelos próprios jornalistas ao realizarem a seleção de notícias. Nessa prática são atribuídos valores que os profissionais identificam como tal e que tornam um determinado fato relevante para ser noticiado.

Para Mauro Wolf (1987), os valores-notícia estão presentes durante todo o processo de produção da notícia, desde a seleção até a elaboração, manifestando-se de forma diferente em cada fase e estão profundamente inseridos no cotidiano dos jornalistas. Os valores-notícia derivam de pressupostos implícitos e considerações relativas.

A primeira categoria de considerações diz respeito ao acontecimento a transformar em notícia; a segunda, diz respeito ao conjunto dos processos de produção e realização; a terceira, diz respeito à imagem que os jornalistas têm acerca dos destinatários e a última diz respeito às relações entre os *mass media* existentes no mercado informativo (WOLF, 1987, p.81).

O autor distingue valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Os primeiros dizem respeito aos critérios que os jornalistas usam para escolher um acontecimento como noticiável. Os valores-notícia de construção se referem aos critérios que sugerem o que deve ser enfatizado, o que deve ser excluído, o que deve ganhar mais importância durante o processo de construção da notícia.

Dentre os valores-notícia de seleção estão a morte, a notoriedade, a proximidade, a relevância, o tempo, a notabilidade, o inesperado, o conflito ou controvérsia, a infração e o escândalo. Destes, o primeiro recebe atenção maior, a morte é um valor-notícia de destaque por se tratar de um tema que está diariamente nas páginas dos jornais e manifesta “o negativismo do mundo jornalístico” (TRAQUINA, 2008, p. 79). Para compor esse grupo ainda apresentam-se como valores-notícia a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso. Os valores-notícia de construção defendidos pela comunidade jornalística são: a simplificação e a amplificação, a relevância, a dramatização e a consonância.

Quando se fala em produção de notícias, Mauro Wolf (1987) explica que é a cultura profissional dos jornalistas, as organizações do trabalho e dos processos produtivos que dão suporte a essa produção. Entende-se que é a partir da enunciação que as interpretações que fazem parte da cultura dos jornalistas apresentam-se de forma específica e dando características próprias para as notícias.



## Análise dos discursos: Privatização da Vale S.A.

No período analisado sobre a privatização da mineradora “Vale S.A.” (06 a 08 de maio de 1997) foram identificadas oito matérias em forma de notícias e três notas. A tabela abaixo (1) faz uma demonstração por data, título e gênero quanto as publicações em “O Progresso”.

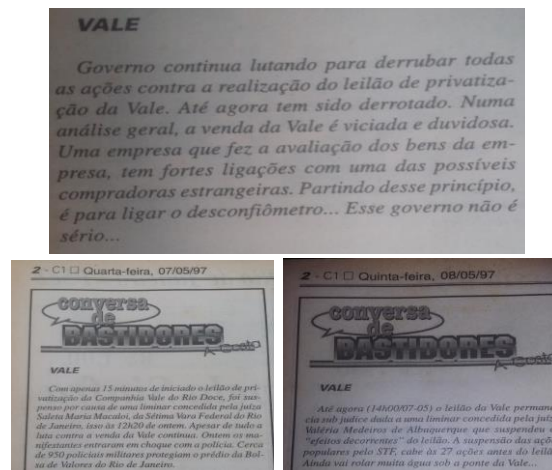
Tabela 1: Demonstração de publicações sobre a Privatização da Vale em “O Progresso”.

Data:	Título:	Gênero:
06 de maio	1. Vale. 2. Ministro do STF abre caminho para leilão.	1. Nota 2. Notícia
07 de maio	1. Antônio Ermírio diz que preço de venda foi alto. 2. Consórcio Brasil vence leilão na bolsa do Rio de Janeiro. 3. Funcionários poderão participar da segunda etapa. 4. Governo prevê concessão de novas liminares. 5. Presidente é vaiado por manifestantes. 6. Recursos tentam suspender decisão de juiz do STF. 7. Vale.	1. Notícia 2. Notícia 3. Notícia 4. Notícia 5. Notícia 6. Notícia 7. Nota
08 de maio	1. Vale. 2. Advocacia da União espera enxurrada de ações.	1. Nota 2. Notícia

Fonte: Dados da pesquisa, a partir do jornal O Progresso (MA).

O jornal confirma o interesse pela pauta ao publicar assuntos sobre o tema no dia do leilão de venda da mineradora, no dia que antecede e no dia que sucede. Uma característica comum entre as datas foi a publicação de notas de opinião. Trata-se de notas curtas, apresentando sempre o mesmo título “Vale” e escritas pela opinião de um colaborador do jornal, não é a opinião do periódico. Elas são publicadas sempre em uma coluna permanente no jornal, chamada “Conversa de Bastidores”. Aparecem sempre no caderno um (1) do jornal, na página dois (2).

Figura1: Notas publicadas em O Progresso, 6 a 8 de maio de 1997.



Fonte: Dados da pesquisa, a partir do jornal “O Progresso”.



As notas dos dias sete e oito aparecem dispostas no topo da coluna e a nota referente ao dia seis aparece entre outras notas, no meio da coluna. A primeira nota mostra uma opinião de quem acompanha o processo de privatização da Vale S.A. e pretende alertar o leitor sobre as possíveis consequências da venda. Faz uma crítica ao governo com a expressão “esse governo não é sério” e com o uso de reticências deixa implícito que existem muitas informações que o leitor precisa saber. Os termos “governo”, “derrotado”, “viciada” e “duvidosa” apontam desconfiança quanto à venda da mineradora, além de alertar para o interesse de mais apuração sobre o caso.

A segunda nota apresenta uma descrição sobre a venda da Vale S.A., apontando as novidades no assunto desde a publicação da nota anterior. O enunciador tem a coluna como uma forma de registro diário. No dia sete se repete a expressão “a luta contra a venda da Vale continua” usada na nota anterior. A segunda nota traz um elemento novo: “manifestantes entraram em choque contra a polícia”, seguida da expressão “Cerca de 950 policiais protegiam o prédio da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro”. Os termos “contra” na primeira expressão e “protegiam” na segunda demonstram uma forte crítica para com os manifestantes. A terceira nota, publicada no dia oito continua com a característica de fazer um registro curto sobre o andamento do leilão de venda da Vale S.A. Com a expressão “ainda vai rolar muita água sob a ponte da Vale” o enunciador usa do ditado popular para criticar a venda da empresa.

No dia que antecedeu o leilão de venda da Vale S.A. (6 de maio), além de uma nota, teve a publicação uma notícia: “Ministro do STF abre caminho para leilão”. A matéria fala sobre a cassação de liminares que eram contrárias a privatização da Vale S.A. O título já evidencia o leilão de venda da Vale S.A. como um fato que precisa acontecer ou que, independentemente de qualquer equívoco será realizado. Tem como fonte o Juiz Demócrito Reinaldo com a citação entre aspas: “o tumulto que se estabeleceu em decorrência do aforamento de inúmeras ações, justifica a medida de exceção”. Além do juiz, a advogada Ana Lúcia Paschoal de Sousa que contesta a ação do juiz. Com o uso dessas vozes a matéria evidencia dois lados oposto no processo de privatização da Vale S.A.

No dia sete (7) de maio, dia que ocorreu o leilão de venda Vale S.A., “O Progresso” teve na página cinco (5) da editoria de Brasil apenas notícias sobre a privatização. Como mostra a tabela um (1) foram seis matérias e uma nota. O conteúdo dessa página evidencia um forte interesse pelo tema ao não publicar nenhum outro ocorrido no Brasil neste dia. A

primeira matéria disposta na página, “Consórcio Brasil vence leilão na bolsa do Rio de Janeiro” foi enviada por correspondentes do Rio de Janeiro e fala sobre o resultado do leilão ocorrido no dia sete de maio de 1997. Palavras como “embate”, “competidores”, “disputa”, “concorrentes”, “confusão”, evidenciam uma briga na ocasião do leilão. A notícia não tem nenhuma informação de contexto, o que a venda da Vale S.A. representa, quais as consequências, quem são as empresas que venceram o leilão, são levantamentos que não podem ser respondidos pela análise dessa matéria. Ela traz uma descrição, apresentando horas e minutos dos ocorridos durante o leilão, mas nenhum conteúdo de contextualização.

A segunda matéria tem como título “Governo prevê concessão de novas liminares” e demonstra bem o posicionamento do jornal como apoio à privatização. Os discursos usados para justificar a privatização são sempre de representantes do governo. Por outro lado, quem é da oposição à privatização da Vale S.A. não é mencionado na matéria, a não ser pela própria citação que representa a fala do governo:

Segundo Quintão, a oposição à venda da Vale se valeu indevidamente da lei 4.717/65 que rege os pedidos e trâmites da ação popular. Não tem lei que impeça esse uso indevido de um instrumento democrático, com finalidade política e ideológica, como ficou patente nesse episódio. É triste ver esse viés pernicioso à democracia, afirmou (O PROGRESSO, 07 maio 1997, Brasil, p.5).

A matéria é concluída com uma citação que confirma a privatização da empresa como uma etapa importante para a modernização do Brasil:

Em Brasília, o vice-presidente Marcos Maciel comemorou, ainda sem saber da suspensão dos efeitos do leilão, afirmando que a venda da Vale representava mais uma etapa importante no processo de modernização do país (O PROGRESSO, 07 maio 1997, Brasil, p.5).

A terceira matéria publicada no dia sete (7) de maio tem como título “Funcionários poderão participar da segunda etapa” trata da venda de ações à funcionários, seria uma terceira etapa de privatização da empresa. O termo “poderão” evidencia que não há garantias sobre essa terceira etapa na qual os funcionários comprariam ações e aborda os riscos presentes em tal situação. Enviado por correspondente de Brasília – DF, a matéria faz uso de verbos no futuro do presente e no futuro pretérito como “seria” e “poderá”, dando a entender mais uma vez que a participação dos funcionários é uma incógnita.

“Recursos tentam suspender decisão de juiz do STF” é a quarta matéria analisada pela ordem de disposição na página do periódico. É mais uma matéria enviada de Brasília – DF, e apresenta a possibilidade de suspensão ou anulação da venda Vale S.A. O termo “risco” corrobora para o entendimento de que a anulação do leilão seria um episódio ruim. A matéria cita advogados autores de ações contra a privatização da Vale S.A., mas não dar voz a essas fontes, o que colabora ainda mais para um posicionamento claro do periódico.

A quinta matéria analisada tem como título “Antônio Ermírio diz que preço de venda foi alto”. Essa matéria foi elaborada por um enviado especial do jornal e reforça a importância dada ao tema pelo periódico. Antônio Ermírio, fonte utilizada que leva nome ao título é um empresário representante de uma das empresas que perdeu o leilão de venda da Vale S.A. A notícia apresenta citações diretas dessa fonte: “Só me cabe cumprimentar os vencedores, desejando-lhes boa sorte. A razão de termos competido neste leilão foi uma razão íntima de querer ajudar o Brasil”. Os discursos de início e de conclusão da matéria manifestam a ideia do empresário de que o valor da venda Vale S.A. foi alto. Termos como “vencedores”, “perdedores” e “rivais”, mais uma vez, assim como em nota anterior, enfatiza a representação do leilão como um momento de briga entre atores sociais.

“Presidente é vaiado por manifestantes” é outra matéria elaborada por enviado especial, a última matéria analisada nessa página (5) do periódico, disposta no canto inferior direito. Pelo título, o uso da palavra “vaiado” diminui os manifestantes. O foco principal da matéria se trata de uma visita realizada pelos Presidentes Fernando Henrique Cardoso e Julio Maria Sanguinete (Uruguai) a uma praça internacional localizada na divisa entre Brasil e Uruguai. A manifestação que, a princípio, aparece evidenciada no título, surge como motivo para dividir a população brasileira da população uruguaia. A manifestação realizada por grupos de pessoas da fronteira brasileira é representada a partir do uso de palavras como “atiraram” e apresenta a população como pessoas que atacam e que por isso o presidente precisa ser “protegido”. A citação entre aspas utilizada na matéria refere-se à fala do presidente Fernando Henrique, que separa povo de manifestantes: “Em todo lugar é assim, o povo está com a gente e os manifestantes estão sozinhos”. Ao priorizar esse discurso e não outro, percebe-se que o jornal prioriza o posicionamento do governo e não dá voz para outras fontes, outros grupos, nesse caso, os manifestantes.

Diferentemente do discurso de crítica ao governo brasileiro demonstrado nas notas de opinião, nas seis matérias analisadas constata-se que os discursos produzidos evidenciam um posicionamento favorável à privatização da empresa Vale S.A., apresentando a venda

da empresa como uma alternativa positiva para o Governo Brasileiro. As vozes representadas nos discursos são de fontes oficiais e sem pluralidade.

No dia seguinte à privatização da Companhia Vale do Rio Doce (08/05), “O Progresso” divulgou, além de uma nota, uma matéria. “Advocacia da União espera ‘enxurrada’ de ações” apresenta logo no título um termo entre aspas, mas na matéria a palavra “enxurrada” é usada a partir da fala da Advocacia Geral da União. Os discursos promovem uma compreensão semelhante a de matérias anteriores que falam de atores contrários à privatização, mas priorizam as falas do governo. Os modos de dizer, de uma forma geral, estão atrelados a um contexto de confiança nas ações do governo.

### **Os temas que não aparecem em “O Progresso”**

Além do tema “privatização da Vale”, foram analisados mais quatro outros que fazem parte da história da mineradora: “mudança de nome da Vale”; “Vale é eleita a pior empresa do mundo”; “Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale”; “Seminário Internacional Carajás 30 anos”. Se por um lado o primeiro tema analisado evidenciou um número expressivo de publicações, os demais não foram identificados na cobertura de “O Progresso”. No primeiro tema analisado (privatização da Vale) constatam-se sentidos que estão implícitos nos textos jornalísticos; nos demais temas analisados, há um silêncio, já que não foram encontradas publicações em “O Progresso”.

No dia 29 de novembro de 2007, a Companhia Vale do Rio Doce realizou uma campanha de mudança de nome com forte inserção nos meios de comunicação. Desenvolvendo a ideia de “uma empresa genuinamente brasileira”, se tornaria apenas Vale S.A. Sobre esse tema, nos dias 28, 29 e 30 de novembro de 2007 não foi encontrada nenhuma publicação, “O Progresso” se restringiu a pautas locais, diferentemente do que acontecia na década de 1990, com o trabalho de enviados especiais e correspondentes.

O terceiro tema analisado foi o “I Encontro Internacional dos Atingidos pela Vale”, ocorrido de 12 a 15 de abril de 2010. Apenas nesse período foram analisados os quatro dias relacionados à ocorrência do tema, um dia a mais que nos outros temas. Nenhuma notícia, nota ou outro tipo de publicação foi identificada no periódico, relacionada ao tema. Por outro lado, no dia 14 de abril foi identificada uma notícia intitulada “Vale anuncia plano de produção para operações no Canadá”, localizada na editoria “Regional”. No mesmo dia foi encontrado um anúncio da mineradora Vale S.A. tomando boa parte da página três no caderno “Política”. O silenciamento do tema em detrimento da divulgação de assuntos que

reforçam uma imagem positiva sobre a Vale S.A. remete ao que Eni Orlandi fala sobre silêncio local: “Aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura” (ORLANDI, 2007, p. 24).

Ora, se no contexto em que a mineradora é criticada por suas ações de insustentabilidade, o jornal escolhe publicar anúncios evidenciando as ações positivas da empresa, fica implícito um posicionamento. Além disso, vem a questão: Porque a empresa resolve anunciar no jornal durante o mesmo período em que é contestada mundialmente?

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que seja). O Homem é irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico (ORLANDI, 2007, p. 30).

O anúncio (Figura 2), publicado na editoria “Política” faz sentido quando constatamos a não existência de temas que critiquem a atuação da empresa. Juntamente com a notícia que fala sobre o avanço na produção de minério de níquel no Canadá, a Vale S.A. reforça a imagem de uma empresa sustentável e produtora. O jornal dá sentido a esse discurso ao publicar as duas informações em suas páginas em um mesmo dia.

Figura 2: Anúncio da Vale no jornal “O Progresso”, 14 de abril de 2010.



Fonte: Dados de pesquisa, a partir do jornal “O Progresso”.

Os últimos temas analisados foram “Vale é eleita a pior empresa do mundo”, em 27 de janeiro de 2012 e “Seminário Internacional Carajás 30 anos”, ocorrido de 05 a 09 de maio de 2014. O primeiro trata-se do prêmio de pior empresa do mundo para as multinacionais que afetam negativamente o meio ambiente. Nessa edição (2012) houve

ampla divulgação e campanhas nas redes sociais garantindo à mineradora Vale S.A. o título de pior empresa do mundo 2012. Vários veículos de comunicação, inclusive a imprensa tradicional, tiveram que noticiar o fato. Entretanto, “O Progresso” não evidenciou o assunto.

O “Seminário Internacional Carajás 30 anos” foi um evento promovido por organizações e Movimentos Sociais para refletir sobre os 30 anos do Programa Grande Carajás. Ocorreu em São Luís, capital do estado do Maranhão, e reuniu participantes de 11 países, nos quais a mineradora Vale atua. Essa também foi uma pauta silenciada pelo jornal no periódico analisado.

## **CONSIDERAÇÕES**

A pesquisa revelou que o jornal “O Progresso” produziu diferentes discursos sobre a Vale S.A. em suas páginas e no decorrer de sua história. Durante a década de 1990, a partir da análise do tema “Privatização da Companhia Vale do Rio Doce”, percebeu-se que havia uma proposta do periódico de cobrir eventos em outras cidades do país ou fora do Brasil. Uma característica importante para um jornal do interior. Era comum na época o envio de matérias por correspondentes de todos os estados brasileiros, o que trazia para um jornal do interior do Maranhão uma proposta enunciativa baseada em discursos produzidos por diferentes sujeitos.

Essas características mudaram com o passar das décadas, e nos anos 2000 já havia a prática de coberturas de temas regionais. Entretanto, seja no início da história do jornal, seja nas décadas passadas, os discursos produzidos sobre a Vale S.A. evidenciaram uma postura similar. Em ambos os períodos há uma tendência em falar sobre a mineradora dando prioridade para as ações econômicas, considerando-as como importantes para o crescimento do país. Quando se trata de eventos relacionados a grupos que criticam a mineradora o jornal evita falar sobre eles. Os modos de dizer ignoram as questões sociais, ambientais e culturais relacionadas ao tema e priorizam os anúncios e falas que representam a Vale S.A.

## REFERÊNCIAS

COELHO, Tádzio Peters. **Projeto Grande Carajás: trinta anos de desenvolvimento frustrado**. Marabá-PA: Editorial Iguana, 2015.

FRANKLIN, Adalberto. **Jornal O Progresso: nossa história**. Disponível em: <<http://www.oprogreso-ma.com.br/progresso>>. Acesso: 14 de jul. 2016.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

PINTO, Lúcio Flávio. Carajás: ontem, hoje e nunca mais? **Revista Não Vale**. Açailândia. II Edição, 2013. <[http://www.justicanostrilhos.org/IMG/pdf/revista\\_ao\\_vale\\_2\\_-\\_versao\\_web\\_completa.pdf](http://www.justicanostrilhos.org/IMG/pdf/revista_ao_vale_2_-_versao_web_completa.pdf)>. Acesso: 14 de jul. 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. II. Florianópolis: Insular, 2008.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2004.

ZAGALLO, José Guilherme Carvalho. A Privatização da Vale. **Revista Não Vale**. Açailândia, I Edição, 2011. <[http://www.justicanostrilhos.org/IMG/pdf/revista\\_ao\\_vale\\_1\\_e\\_dicao.pdf](http://www.justicanostrilhos.org/IMG/pdf/revista_ao_vale_1_e_dicao.pdf)>

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1987. Disponível em: <<http://www.scribd.com>>. Acesso em: 13 jul. 2016.